

**RELAÇÕES DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE GOIÁS:
UMA ANÁLISE DO PROCESSO EDUCATIVO**
**LEARNING RELATIONSHIPS OF CHILDREN IN A PUBLIC SCHOOL IN GOIÁS:
AN ANALYSIS OF THE EDUCATIONAL PROCESS**

ISSN: 2674-662X. DOI: 10.29327/2334916.19.1-131

Elienay Valeriano Leite ¹

RESUMO

Este estudo aborda a questão da estratégia de aprendizagem do aluno em processo de alfabetização em uma escola pública, partindo do sujeito professor e sua relação pedagógica com os discentes. O objetivo foi analisar o processo de aprendizagem dos alunos, tanto de quem se aprende como daqueles que assumem formalmente a tarefa de ensinar de uma escola pública do Município de Goiânia – GO. O estudo foi desenvolvido com base nas teorias de Ferreiro (1991, 1999, 2001), Bozza (2008), Libânio (2003, 2002), Brasil (2012), entre outros, para pontuar sobre professor, aluno e sala de aula. Foi realizada primeiramente pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído em livros, artigos científicos, bibliotecas virtuais, como base para a pesquisa de campo, utilizou-se a entrevista semiestruturada com professores e com a coordenadora pedagógica. Os resultados obtidos por esta pesquisa demonstraram que para a formação de alunos leitores, faz-se necessário utilizar várias estratégias e adequá-las a cada aluno, visto que, em uma sala de aula, não existem as mesmas hipóteses de alfabetização. Neste início da aprendizagem, os professores utilizam vários gêneros textuais, que prendem a atenção de seus alunos, de maneira que eles se sintam interessados na aprendizagem. Cabe ao professor, eleger estratégias diversificadas, pois nenhuma criança é igual à outra, cada uma tem seu tempo de aprender, tem o seu momento certo. O professor deve considerar os conhecimentos que a criança já possui, desta forma, a aprendizagem será melhor desenvolvida. Conclui-se que o desenvolvimento da leitura no processo de alfabetização deve ocorrer com a participação do professor, utilizando as melhores estratégias para não prejudicar o desenvolvimento dos alunos no processo de ensino aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Estratégias. Alfabetização. Professor. Aluno. Ensino aprendizagem.

ABSTRACT

This study addresses the issue of the learning strategy of the student in the process of literacy in a public school, starting from the subject teacher and his pedagogical relationship with the students. The objective was to analyze the learning process of the students, both of those who learn and of those who formally assume the task of teaching from a public school in the municipality of Goiânia - GO. The study was developed based on the theories of Ferreiro (1991, 1999, 2001), Bozza (2008), Libânio (2003, 2002), Brazil (2012), among others, to score on teacher, student, and classroom. A bibliographical research was carried out, developed from material already elaborated, in books, scientific articles, virtual libraries, as a basis for field research, using the semi-structured interview with teachers and with the pedagogical coordinator. The results obtained by this research showed that for the training of student readers, it is necessary to use several strategies and adapt them to each student, since, in a classroom, there are no same chances of literacy. In this beginning of learning, teachers use various textual genres, which hold the attention of their students, so that they feel interested in learning. It is up to the teacher to choose diversified strategies because no child is equal to the other, each has its time to learn, has its right moment. The teacher should consider the knowledge that the child already has, in this way, learning will be better developed. It is concluded that the development of reading in the literacy process should occur with the participation of the teacher, using the best strategies not to harm the development of students in the learning teaching process.

KEYWORDS: Strategies. Literacy. Teacher. Student. I teach learning.

¹ Licenciatura em Matemática. Mestra em Ciências da Educação pela Absolute Christian University, Florida/USA.

INTRODUÇÃO

Pensando na aquisição de uma importante aprendizagem dos alunos na série iniciais para obtenção da leitura e escrita, é preciso valorizar processo da leitura; não em ordem secundária, apenas naquele final de aula ou caso sobre tempo; somente para que os alunos não fiquem dispersos ousem fazer nada. Essas estratégias fazem com que as crianças criem e desenvolvam o gosto pela leitura, o prazer de ler, conhecimentos além dos já adquiridos fora da escola

Quando o aluno é enquadrado no contexto escolar, é de fundamental importância que haja uma boa relação entre a sua família, escola e professores para possibilitar um bom desenvolvimento das capacidades cognitivas e emocionais das crianças. O problema em estudo tenta dar algumas respostas relativamente, para compreender a relação existente nas estratégias de alfabetização no processo de ensino aprendizagem das crianças na escola pesquisada.

As hipóteses deste estudo foram traçadas da seguinte forma: auxiliando o aluno pode assumir o controle da sua própria aprendizagem; utilizando as estratégias específicas de alfabetização os alunos aprendem melhor; o professor compreendendo o processo do aprender a ler e escrever interferem diretamente no processo de alfabetização

A partir dessas hipóteses, teve como objetivo, analisar as estratégias de aprendizagem da criança em seu processo de alfabetização dos alunos do 1º ao 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Goiânia-Goiás. E os objetivos específicos foram: conhecer os diferentes estilos de ensinar do professor alfabetizador; identificar qual o estilo de aprendizagem de aluno; investigar as concepções das crianças acerca da aprendizagem da leitura e da escrita; relacionar as concepções das crianças na aprendizagem da leitura e da escrita com os progressos por elas realizados em seu próprio processo de alfabetização; analisar como está sendo a aprendizagem do aluno e o ensino do professor

diante da pandemia; como a criança em fase de alfabetização utiliza diferentes estratégias para aprender.

Justifica-se o estudo, na perspectiva de contribuir significativamente no processo de ensino e aprendizagem dos envolvidos, professores e alunos. Com sua prática pedagógica, o professor alcançará todos os seus alunos, e estes terão oportunidades iguais de avançarem no seu processo de aprendizagem, embora o façam de forma diferente. A pesquisa, ora apresentada compreende um estudo, baseada em entrevista com docentes e a coordenadora pedagógica, desenvolvida em uma escola pública do sistema municipal de ensino, localizada na cidade Goiânia - Goiás. Optou por uma abordagem qualitativa com intuito de aprofundar mais sobre a temática.

Esta investigação científica encontra-se organizada em sete capítulos, incluindo a introdução, em que se evidencia o panorama do processo de produção. No primeiro capítulo faz uma abordagem da contextualização dos processos de alfabetização no mundo e complementa com as estratégias de alfabetização para o professor alfabetizador da atualidade.

No terceiro capítulo, analisa os “Aspectos Políticos (Inter)nacionais que abrangem a temática em questão, baseado na política pública da alfabetização e o congresso realizado em redor do mundo, numa expectativa (inter)nacional. O quinto capítulo apresenta a metodologia utilizada para a efetivação da pesquisa qualitativa realizada em uma escola pública da cidade Goiânia – GO. Detalhamento do caminho percorrido no desenvolvimento do estudo. Oportunidade onde, são explicitados o local e os participantes da pesquisa, os instrumentos e procedimentos utilizados, assim como a análise dos dados.

O sexto capítulo são apresentados a análise da pesquisa de campo e finalizando com as considerações finais, retomando a uma breve avaliação das estratégias metodologias e algumas recomendações para pesquisas

futuras que visem lançar um novo olhar para as estratégias no processo ensino aprendizagem na alfabetização. A seguir, será destacado toda a trajetória da pesquisa.

CONTEXTUALIZANDO OS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO

Quando os povos primitivos sentiram a necessidade de registrar suas memórias, os tempos antigos criaram a necessidade de escrever. Segundo os registros de Cagliari (2007), esses registros envolvem fatos religiosos, científicos, políticos, artísticos e culturais. O registro inicial é um desenho, desenho utilizado para fornecer as informações necessárias. Esses registros evoluíram e alcançaram uma ideologia ideológica: ao longo dos últimos séculos, perderam certas funções até se tornarem simples conversões escritas, como as nossas cartas. O estágio da letra é a característica das letras usando o mapa fonético que representa o som da palavra.

Com a invenção dos livros impressos na primeira metade do século XV, a necessidade de aprender a ler se espalhou. Quer seja lendo ou escrevendo, poucas pessoas podem usá-lo. Quando observamos as poderosas relíquias deixadas pelas colônias na história do Brasil, é um fato confirmado: parte dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, pois cabia apenas aos colonos jesuítas e os direitos são apenas dos homens que não têm direito a receber educação escolar (ROSA; PORTO, 2009).

Segundo Teixeira e Almeida (2000, p. 42), “a educação colonial não visava a formação do povo. Pelo contrário, as pessoas eram excluídas do sistema de ensino dos jesuítas. A educação das elites tem como público-alvo, e para em certa medida melhorar o status social.”

A principal tarefa dos jesuítas era levar a cultura europeia (principalmente o catolicismo) aos índios, que eram numerosos e falavam outras línguas, como o tupi McRoger, mas também tinham outros costumes, como:

morar no vale, andar quase nu, entre alguns índios, eles são canibais. Depois que os jesuítas foram expulsos, o Brasil não foi mais à escola. Com o início da industrialização da Inglaterra, foi necessário melhorar a força de trabalho do Brasil por meio da educação pública, principalmente cursos de ensino superior para empresas e elites industriais. Com a chegada da família real no século XIX, foi necessário abrir um curso superior para atender o mutirão de Portugal para o Brasil. A independência do Brasil, foi promulgada a primeira constituição, cujo conteúdo central é a necessidade do ensino fundamental e a construção de escolas, ginásios e universidades. Segundo Moll (1999), embora as leis mais amplas que regem o país determinem a educação do público, inclusive do cidadão comum, a realidade ainda é a mesma e o acesso ao conhecimento escrito ainda é privilégio de poucos.

Com avanços e retrocessos, a constituição brasileira de 1946 instituiu o Fundo Nacional da Educação Básica (FNEB), o que marcou a eficácia da garantia do ensino fundamental público. Em matrículas, o número de escolas existentes não atende aos requisitos. Segundo Moll (1999, p.32), “o censo de 1980 mostrou que, embora garantisse uma educação de qualidade, não diagnosticava como as escolas ensinam os alunos a ler, o que veio com o censo de 1980. 45,5% são analfabetos.

Além do problema do absenteísmo escolar, há também problemas de exclusão relacionados à baixa eficiência do ensino, que se tornam particularmente importantes na evasão, reprovação e repetência. No primeiro ano letivo, os alunos devem aprender a ler e escrever, ou seja, devem conseguir ler e escrever, esta é a base de seu processo educacional, e sua continuidade depende da implementação do primeiro ano letivo.

Pesquisadores de várias tendências teóricas que se sentem incomodados com o número de fugas, fracassos e repetições estudaram as causas do analfabetismo infantil. Considerando o pensamento de Moll (1999), no método psicológico, a explicação do

fracasso escolar depende da capacidade de aprendizagem do aluno, pois ele tem alguns problemas nele, como déficits, que podem ser perceptuais, esportivos de, linguagem, emoção ou inteligência e o marco desse método está no teste ABC e no teste de QI de Lourenço Filho.

A Abordagem Biologista também se concentra no problema de abandono escolar do aluno, que está relacionado à disfunção biológica ou abandono e desnutrição. Moll (1999) (apud, Dantas, 1976) criou e estudou a relação entre o estado nutricional das crianças e as habilidades cognitivas e apontou que a melhoria significativa das habilidades cognitivas não tem nada a ver com o estado nutricional das crianças.

O método cultural aponta que o problema do fracasso escolar está na origem social das crianças, pois são crianças de classes populares, geralmente têm problemas de aprendizagem e não fazem parte do meio social letrado. A escola adota a cultura da classe privilegiada como exemplo, portanto, crianças em um ambiente “vulnerável” na sociedade são “culturalmente” propensas a dificuldade de aprendizagem. Segundo Moll (1999, p.45), essas crianças são “inspiradoras, aspecto é muito pobre”. Essa situação afeta adversamente o desenvolvimento linguístico, cognitivo e psicomotor dessas pessoas.

Quando a visão muda, todo o problema do abandono escolar mudou o foco, ou seja, como ensinar as crianças a aprender. Emília Ferreiro (1974) iniciou suas pesquisas com base na teoria da origem do conhecimento de Piaget, estudando como as crianças colaboravam com a educadora Ana Teberosky para divulgar os resultados de sua pesquisa. Em seguida, todos os autores e pesquisadores se voltaram para esse ponto de vista e explicaram esta abordagem com uma tendência construtivista de aprendizagem. No caso em que a criança utiliza o sistema de representação da escrita, mesmo o método utilizado desta forma tem uma visão diferente, pois a teoria de Emília Ferreiro trouxe

algumas mudanças de conceitos que mistificam o estudo da eletroacústica escrevendo.

Através de suas pesquisas, Emília Ferreiro e colaboradores comprovaram com sucesso que a aprendizagem é resultado do processo de construção cognitiva, que se situa entre o sujeito e a escrita como objeto de conhecimento cultural das interações. Essa nova teoria, chamada Construtivismo, lançou as bases para todas as políticas públicas de educação no Brasil, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a última Convenção Nacional sobre Alfabetização para Idade Adequada.

ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO PARA O PROFESSOR ALFABETIZADOR

Atualmente os professores enfrentam um grande desafio: alfabetizar seus alunos de modo que eles se tornem seres pensantes e atuantes na sociedade onde estão inseridos, ou seja, os alunos precisam não apenas decodificar o que está escrito, mas também necessitam de compreender o que o leem e produzirem seus próprios textos, em outras palavras, é necessário alfabetizar letrando. Agregado a isso, tem a questão do tempo: há a cobrança, de forma velada, de se alfabetizar os alunos no período de um ano letivo, embora, tenha propostas governamentais como o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), que estabelece um período de três anos para que o processo de alfabetização da criança seja concretizado.

O professor mediador proporciona aos alunos o encontro com a realidade, com o objeto do conhecimento, considera o saber internalizado da criança e procura articulá-lo com saberes e práticas novas, de tal modo que os alunos compreendam a realidade, atuem na sociedade em que fazem parte e a transformem. Por isso, de acordo com Libânio (2003), o papel mais importante do professor é a mediação que ele faz entre o aluno e a sociedade, entre as origens do aluno e sua atuação social destinada na sociedade, função é

cumprida quando ele provê as condições e os instrumentos, assegurando que o aluno se encontre com as matérias de estudo. Para tal, o professor planeja, desenvolve suas aulas e avalia o processo de ensino.

Ainda segundo Libâneo (2003):

A atividade mediadora do professor supõe uma preparação profissional onde se articulam, indissociavelmente, os conhecimentos teórico-práticos originados da investigação da prática e a prática de ensino concreta que se desenvolve no cotidiano da escola em suas situações específicas e condições objetivas. (LIBÂNEO, 2003, P.124)

Dessa forma, o professor, comprometido com a alfabetização de seus alunos, buscará a melhor maneira, o método mais adequado e eficiente para sua turma, não se prendendo a métodos engessados que deram certo há décadas, mas que não têm se mostrados eficazes na época atual.

A interdisciplinaridade precisa da especialização de disciplinas para acontecer e que, para haver mudança da prática docente tradicional, é preciso eliminar as barreiras entre as disciplinas e também entre as pessoas de modo que haja envolvimento e engajamento efetivo de todos nessa mudança; integração dos professores das várias disciplinas com os especialistas; prática curricular; temas geradores contextualizados para possibilitar aos alunos uma compreensão ampla da realidade por várias disciplinas; criação de práticas de ensino que ajudem o aluno a organizar seu próprio meio de aprender, de pensar, e em cada disciplina orientar o estudo de um assunto, abordando em todos os aspectos e relacionando esse saber com a vida cotidiana e os problemas sociais (LIBÂNEO, 2002).

Dessa forma, o professor evitará incorrer no erro que acontece em muitas turmas de alfabetização: prioriza-se o ensino de língua portuguesa e de matemática e deixa-se de lado os outros componentes curriculares, prejudicando, mesmo sem querer, a

aquisição de conhecimentos das outras áreas, igualmente necessários e importantes no processo de aprendizagem os alunos.

Uma abordagem interdisciplinar no tratamento da diversidade de temáticas relacionadas às diversas áreas do saber constitui, portanto, algo de extrema relevância e tal concepção propicia a concordância de que o tempo escolar não deve ser dividido por áreas de conhecimento e o desejo é a integração dessas diferentes áreas. (BRASIL, 2012, p. 9-10)

Para alfabetizar letrando e de forma interdisciplinar, o professor tem um recurso à sua disposição muito útil e prático, os jogos e as brincadeiras. Praticamente toda criança, mesmo a considerada tímida, gosta de brincar. Os jogos e as brincadeiras fazem parte da vida da criança desde o início da humanidade.

Através das brincadeiras as crianças desenvolvem as suas capacidades e tornam-se seres histórico-sociais com suas próprias características. Brincando a criança experimenta, descobre, inventa, sonha, aprende e desenvolve habilidades. Os jogos e as brincadeiras proporcionam o desenvolvimento da linguagem, estimulam a curiosidade, a concentração e a atenção.

Segundo Antunes (2002), o jogo é:

Uma ferramenta ideal da aprendizagem, enquanto propõe estímulo ao interesse do aluno. O jogo ajuda-o a construir suas novas descobertas, desenvolve e enriquece sua personalidade e simboliza um instrumento pedagógico que leva ao professor a condição de condutor, estimulador e avaliador da aprendizagem. (ANTUNES, 2002, p. 37)

Logo, o jogo usado como ferramenta pedagógica na sala de aula se torna um grande aliado para os professores, pois como vimos, estimula a criança

a aprender, a participar tornando a aprendizagem algo natural e prazeroso.

No que diz respeito aos benefícios cognitivos, brincar contribui para a desinibição, produzindo uma excitação intelectual altamente estimulante, desenvolve habilidades perceptuais, como atenção, desenvolve habilidades de memória, dentre outras. Em relação aos benefícios sociais, a criança, por meio do lúdico, representa situações que simbolizam uma realidade que ainda não pode alcançar e aprendem a interagir com as pessoas, compartilhando, cedendo às vontades dos colegas, recebendo e dispensando atenção aos seus pares. Aprendem, ainda, a respeitar e a serem respeitadas. (BRASIL, 2012, p. 7)

É importante destacar que o jogo por si só não permitirá o desenvolvimento e a aprendizagem, mas sim a ação de jogar é que desenvolve a compreensão. Mas também no lúdico é importante que o aluno seja percebido como ele é, mesmo apresentando dificuldades, e que o programa de atividades esteja voltado para atender as suas necessidades.

Isso nos remete também ao fato de que o professor precisa considerar a heterogeneidade presente em todas as salas de aula, ao planejar seu trabalho pedagógico visando não somente à alfabetização, mas ao ensino independentemente do componente curricular, dado que:

A heterogeneidade é um fenômeno intrínseco ao fenômeno educativo. Jamais teremos uma turma iguais, com as mesmas experiências anteriores, mesmos interesses, mesmos conhecimentos. Obviamente, em algumas turmas essa heterogeneidade é maior que em outras. Nesses casos, a atenção do professor às diferentes necessidades, no momento de planejamento, deve ser maior. O princípio é o de garantir os direitos de aprendizagem a todos. (BRASIL, 2012, p. 14)

Assim, com sua prática pedagógica, o professor alcançará todos os seus alunos, e estes terão oportunidades iguais de avançarem no seu processo de aprendizagem, embora o façam de forma diferente. No próximo capítulo será descrito a fundamentação teórica que embasa o assunto, tendo em vista, o desdobramento teórico dos objetivos do estudo.

PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

Ao adentrar em uma sala de aula de alfabetização, logo percebe-se a heterogeneidade de conhecimentos e experiências prévias dos aprendizes que se encontram nesse processo de aprendizagem.

Desta forma, cabe ao professor o papel de mediador na construção do conhecimento, oportunizando aos estudantes, o contato com diferentes práticas de letramento, bem como atividades diversificadas que criem situações que os levem a refletir, questionar, criar hipóteses e participar ativamente de forma independente, compreendendo o funcionamento da escrita alfabética.

Vale ressaltar ainda para a:

Importância de se considerar, na organização das práticas pedagógicas de alfabetização, os conhecimentos que os alunos possuem acerca da escrita de modo a planejar atividades que efetivamente possam contribuir para que todos os alunos avancem. (BRASIL, 2012, p. 8)

Dessa forma, o professor precisa ter um determinado conhecimento acerca dos materiais que serão utilizados em suas práticas pedagógicas, bem como o conhecimento sobre as experiências prévias dos alunos, de modo a planejar ações que conduzam a aprendizagem de todos. É notório em sala de aula, as diferenças de aprendizagem entre alunos de uma mesma idade, porém, também é possível notar que muitos

professores, desenvolvem apenas uma atividade no decorrer de todo o ano letivo, o que muitas vezes acaba favorecendo a apropriação do conhecimento apenas por uma pequena parcela dos estudantes, resultando na não aprendizagem de outros.

Desse modo, cabe ao professor “o papel de mediador e motivador da aprendizagem, sempre atento às possibilidades e limitações no processo de apropriação do conhecimento pela criança” Antunes (1999, Apud BRASIL, 2012, p. 22).

Além da mediação, existem outros elementos que caracterizam a postura do professor alfabetizador, tais como:

Consideração da alfabetização na perspectiva do letramento; respeito às diferenças e atendimento à diversidade, considerando a heterogeneidade de aprendizagens e percursos diferenciados das crianças; necessidade de diversificação de atividades, procedimentos e agrupamentos; desenvolvimento de postura avaliativa em uma perspectiva formativa e acompanhamento das aprendizagens de forma qualitativa. (BRASIL, 2012, p. 19)

Os professores devem capacitar os alunos para orientá-los a se tornarem protagonistas no processo de aprendizagem, porque a aprendizagem envolve a construção de conceitos por tópicos, em vez de receber informações passivamente.

Ao perceber que, na construção de práticas de alfabetização, para levar os alunos a pensar sobre o Sistema de Escrita Alfabética e a compreender os princípios que o constituem, é necessário diversificar as atividades, escolhendo propostas que exijam diferentes demandas cognitivas e que mobilize diferentes conhecimentos. (BRASIL, 2012, p. 31)

Quando o olhar docente é voltado para as diferenças de aprendizagem encontradas em sala de

aula, torna-se possível reavaliar a prática pedagógica e repensar ações que visem a melhoria na qualidade do processo ensino-aprendizagem.

Além de uma ação docente favorecedora, é importante que o ambiente em que a criança em processo de alfabetização está inserida, seja acolhedor e organizado para oportunizar a aprendizagem. Um ambiente alfabetizador demanda de materiais variados e de qualidade, tornando-se promissor para ocorrer de fato uma aprendizagem significativa e prazerosa, onde o contato com a leitura e a escrita se darão de forma natural e não de forma impositiva e sem sentido.

Portanto, cabe a instituição escolar, possibilitar a criança o contato com os mais diferentes materiais, proporcionando um ambiente rico em escritas diversas, oferecendo-lhes ocasiões para aprender com significado (FERREIRO, 2010, p. 98-99).

Contudo, para alfabetizar, não basta trabalhar apenas com textos, para ter sucesso no ensino, as atividades devem ser desenvolvidas dentro de uma proposta lúdica, interessante e envolvente. O importante é promover atividades diversificadas, que atendam o interesse de todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

ESTILOS DE APRENDIZAGEM E PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO

Os estilos de aprendizagem constituem formas particulares pelas quais os indivíduos assimilam, processam e constroem conhecimento. Cada sujeito apresenta preferências cognitivas específicas que influenciam diretamente seu desempenho educacional. Nesse sentido, aprender não se restringe ao conteúdo em si, mas envolve, sobretudo, a maneira como o indivíduo interage com esse conteúdo e o transforma em conhecimento significativo.

Estudos desenvolvidos por Kolb (1984), iniciados na década de 1970, evidenciam que o processo de aprendizagem ocorre por meio da experiência, sendo

o conhecimento resultante da transformação dessa experiência. Segundo o autor, estudantes, especialmente em nível universitário, são constantemente desafiados a adaptar-se a novas situações, mobilizando diferentes estratégias cognitivas para lidar com sucessos e fracassos no percurso acadêmico (CERQUEIRA, 2000). Dessa forma, a aprendizagem experiencial destaca a importância da interação entre sujeito e contexto, reforçando a ideia de que o conhecimento é construído ativamente.

A literatura educacional identifica múltiplos estilos de aprendizagem, os quais, embora variados, tendem a se organizar em torno de um estilo predominante e outro secundário. Entre esses estilos, destacam-se aqueles relacionados à expressão corporal, à introspecção, à interação interpessoal, à linguagem verbal, ao raciocínio lógico-matemático, à musicalidade e à percepção visual. Cada um desses perfis demanda estratégias pedagógicas específicas, como atividades práticas, projetos individuais, trabalhos colaborativos, produções textuais, resolução de problemas, experiências musicais e uso de recursos visuais, respectivamente. Tal diversidade reforça a necessidade de práticas educativas personalizadas, capazes de atender às singularidades dos aprendizes.

CONCEPÇÕES DA CRIANÇA ACERCA DA LEITURA E ESCRITA

A leitura, enquanto prática social e cognitiva, envolve processos complexos que transcendem a simples decodificação de símbolos gráficos. Leffa (1999) propõe três concepções principais de leitura: a abordagem ascendente, centrada no texto; a abordagem descendente, centrada no leitor; e a abordagem interativa, que considera a leitura como resultado da interação entre texto e leitor. Complementarmente, Leffa (1996) destaca que a leitura é composta por múltiplos subprocessos interdependentes, exigindo não

apenas habilidades técnicas, mas também intenção e engajamento do leitor.

Coscarelli e Novais (2010) ampliam essa compreensão ao enfatizar que a leitura envolve processos inferenciais, integração de conhecimentos prévios e análise de aspectos linguísticos e discursivos. Nesse contexto, a construção de sentido depende de fatores semânticos, pragmáticos e socioculturais, tornando a leitura uma atividade dinâmica e multifacetada.

Autores como Kleiman (1995) e Rojo (1995) ressaltam a importância do contexto social e das interações familiares no desenvolvimento das competências leitoras. A alfabetização, portanto, não se inicia apenas na escola, mas é construída progressivamente nas interações cotidianas da criança com o ambiente letrado.

CONCEPÇÕES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização constitui um campo complexo de investigação, cuja abordagem tradicional, baseada na memorização e repetição mecânica, tem sido amplamente questionada. Bozza (2008) critica essa perspectiva por desconsiderar os processos cognitivos do aprendiz. Ferreiro (1991) argumenta que a aprendizagem da leitura e escrita não pode ser compreendida apenas pela relação entre método e maturidade da criança, sendo necessário considerar o objeto do conhecimento e a interação entre sujeito e linguagem.

A teoria da psicogênese da língua escrita, desenvolvida por Ferreiro e Teberosky (1999), fundamenta-se nos pressupostos construtivistas de Piaget, segundo os quais o sujeito é ativo na construção do conhecimento. As autoras demonstram que a criança formula hipóteses sobre a escrita a partir de suas experiências e interações sociais, passando por diferentes níveis evolutivos.

Esses níveis incluem: o estágio pré-silábico, no qual a criança ainda não estabelece relação entre letras e sons; o estágio silábico, caracterizado pela atribuição de uma letra para cada sílaba; o estágio silábico-alfabético, que representa uma transição entre hipóteses; e o estágio alfabético, no qual há correspondência entre fonemas e grafemas. Esse percurso evidencia que a alfabetização é um processo gradual, construtivo e profundamente influenciado pelo contexto sociocultural.

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA E O USO DE TECNOLOGIAS

A pandemia da Covid-19 provocou transformações significativas no campo educacional, exigindo a rápida adaptação de professores e instituições ao ensino remoto. Nesse cenário, a utilização de tecnologias digitais tornou-se essencial para a continuidade das atividades pedagógicas.

Professores passaram a reformular metodologias, produzir conteúdos digitais e estabelecer novas formas de interação com os alunos. Apesar do protagonismo das tecnologias, evidências indicam que o papel do docente permanece central no processo de ensino-aprendizagem. A mediação pedagógica é fundamental para garantir o engajamento e o desempenho dos estudantes.

Dados do CETIC (2018) revelam que, embora 76% dos professores tenham buscado aprimorar suas competências digitais, apenas 42% tiveram formação inicial na área e somente 22% participaram de cursos continuados. Além disso, 67% dos docentes apontam a necessidade de maior qualificação para o uso pedagógico das tecnologias (INEP, 2017). Esses dados evidenciam a urgência de políticas públicas voltadas à formação docente.

REALIDADE EDUCACIONAL E O CIBERESPAÇO

O ensino remoto ampliou o conceito de sala de aula, que passou a existir no ciberespaço. Conforme Harasim et al. (2005), a aprendizagem em rede permite que o conhecimento seja acessado em qualquer lugar, desde que haja conexão digital. No entanto, essa modalidade trouxe desafios significativos, tanto para professores quanto para famílias, que passaram a assumir novos papéis no acompanhamento educacional.

A desigualdade no acesso à internet e às tecnologias também evidenciou a necessidade de estratégias inclusivas, como a distribuição de materiais impressos para estudantes em situação de vulnerabilidade.

A INTERNET COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL

A internet consolidou-se como um espaço de interação, produção e disseminação de conhecimento. Kenski (2012) destaca que as tecnologias digitais promovem novas formas de ensinar e aprender, ampliando as possibilidades pedagógicas. Ferramentas como ambientes virtuais de aprendizagem, videoconferências e redes sociais passaram a integrar o cotidiano escolar.

ESTRATÉGIAS PARA A ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização é fundamental para a inserção social e o desenvolvimento da autonomia dos indivíduos. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) enfatiza a importância de consolidar esse processo nos primeiros anos do ensino fundamental.

Entretanto, o contexto escolar apresenta desafios significativos, como a desmotivação dos alunos e as dificuldades de aprendizagem. Almeida (2011) aponta que práticas pedagógicas inadequadas podem comprometer a construção do conhecimento, acumulando dificuldades ao longo do tempo. Nesse sentido, torna-se essencial a adoção de estratégias

diversificadas, criativas e contextualizadas, capazes de atender às necessidades dos estudantes.

ASPECTOS POLÍTICOS DA ALFABETIZAÇÃO

No âmbito internacional, eventos acadêmicos têm contribuído para o avanço das discussões sobre alfabetização, reunindo pesquisadores e promovendo a troca de experiências. No Brasil, iniciativas como o Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBALF) e a Política Nacional de Alfabetização (PNA), instituída pelo Decreto nº 9.765/2019, refletem esforços para aprimorar as práticas educacionais.

Estudos internacionais, como os relatórios do National Reading Panel (2000) e do National Early Literacy Panel (2009), destacam elementos essenciais para a alfabetização, incluindo consciência fonêmica, instrução fônica, fluência, vocabulário e compreensão textual. Esses fundamentos têm influenciado políticas educacionais em diversos países.

No contexto brasileiro, análises indicam que ainda há lacunas entre as práticas pedagógicas e os avanços científicos na área da alfabetização (BRASIL, 2003; 2007). Assim, torna-se fundamental alinhar políticas públicas às evidências científicas, promovendo uma educação mais eficaz e equitativa.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Este capítulo tem como objetivo apresentar e analisar pesquisas acadêmicas, bem como discutir os procedimentos metodológicos e os resultados obtidos em investigação de campo acerca do processo de alfabetização, considerando práticas pedagógicas, mediação docente e estratégias de incentivo à leitura.

Inicialmente, destaca-se a relevância das pesquisas *stricto sensu* no aprofundamento das discussões sobre alfabetização. Estudos como o de Call (2008) evidenciam os desafios enfrentados por

professores no processo de alfabetização por meio de textos, especialmente no contexto de programas de formação continuada, como o “Letra e Vida”. A investigação demonstrou que a formação docente, quando estruturada em experiências práticas e reflexivas, contribui significativamente para o desenvolvimento de competências profissionais, possibilitando ao professor adotar metodologias mais eficazes.

De forma semelhante, a pesquisa de Marreiros (2011) analisou a relação entre métodos de alfabetização e práticas pedagógicas, evidenciando que, embora os professores adotem discursos alinhados às teorias construtivistas, ainda há distanciamento entre teoria e prática no cotidiano escolar. Esse dado reforça a necessidade de formação continuada que articule conhecimento teórico e aplicação pedagógica.

No âmbito das teses de doutorado, estudos como os de Battistella (2018) ampliam a compreensão da leitura ao associá-la à experiência corporal e cultural. A autora destaca que o ato de ler envolve dimensões subjetivas, como memória, emoção e vivência, sendo a produção de sentidos resultado da interação entre leitor e texto, conforme apontado por Chartier (1988). Já Platzer (2009) investigou práticas de leitura entre crianças, evidenciando que as trajetórias leitoras são influenciadas por contextos sociais e familiares, muitas vezes divergindo dos modelos escolares tradicionais.

A partir dessas contribuições teóricas, a presente pesquisa adotou abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender o processo de alfabetização em contexto escolar real. Conforme Chizzotti (2003), a pesquisa qualitativa permite analisar a relação dinâmica entre sujeito e objeto, considerando as subjetividades envolvidas no processo educativo. Assim, a investigação foi realizada em uma escola pública municipal de Goiânia (GO), envolvendo professores alfabetizadores e a coordenação pedagógica.

Os objetivos da pesquisa concentraram-se na análise das relações de aprendizagem das crianças, na

identificação dos estilos de ensino dos professores, na compreensão das concepções dos alunos acerca da leitura e escrita e na investigação das estratégias utilizadas no contexto da pandemia. Tais objetivos refletem a necessidade de compreender a alfabetização como processo multifacetado, influenciado por fatores pedagógicos, sociais e culturais.

No que se refere ao contexto educacional, destaca-se que toda prática pedagógica está fundamentada em concepções de homem, sociedade e conhecimento. Mizukami (1986) afirma que a aprendizagem resulta da interação entre sujeito e ambiente, sendo influenciada por diferentes correntes teóricas. Nesse sentido, concepções inatistas, como as associadas ao pensamento de Platão, foram historicamente utilizadas para explicar a aprendizagem como algo inerente ao indivíduo. Contudo, abordagens contemporâneas superam essa visão, reconhecendo o papel do meio e da mediação pedagógica.

A atuação do professor como mediador é, portanto, essencial no processo de alfabetização. Libâneo (2003) destaca que o docente deve criar condições para que o aluno se aproprie do conhecimento, articulando teoria e prática. Além disso, a interdisciplinaridade surge como elemento fundamental para evitar a fragmentação do saber, promovendo uma aprendizagem mais integrada (BRASIL, 2012).

Outro aspecto relevante refere-se ao uso de estratégias lúdicas, como jogos e brincadeiras, que favorecem o engajamento dos alunos e tornam o processo de aprendizagem mais significativo (ANTUNES, 2002). Essas práticas contribuem para o desenvolvimento cognitivo e social, especialmente nas fases iniciais da alfabetização.

A pesquisa de campo envolveu seis professoras alfabetizadoras e uma coordenadora pedagógica, sendo os dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas. A análise revelou que as docentes utilizam diversas estratégias para incentivar a leitura, incluindo leitura em voz alta, rodas de leitura, contação

de histórias, uso de bibliotecas físicas e digitais e produção textual. Tais práticas demonstram a valorização da leitura como elemento central no processo educativo.

Além disso, verificou-se que o incentivo à leitura extrapola o ambiente escolar, sendo fortemente influenciado pela participação da família. Os resultados indicam que alunos cujos pais acompanham suas atividades escolares apresentam melhor desempenho, corroborando a ideia de que a formação do leitor é uma responsabilidade compartilhada entre escola e família.

Outro ponto relevante diz respeito à heterogeneidade das turmas. Os professores relataram a necessidade de adaptar suas estratégias para atender às diferentes necessidades dos alunos, utilizando materiais diversificados e práticas diferenciadas. Conforme Solé (1998), situações de leitura significativas e contextualizadas são essenciais para promover o interesse e a aprendizagem.

No contexto da pandemia, observou-se a intensificação do uso de tecnologias digitais, como plataformas de ensino remoto e bibliotecas virtuais. Embora essas ferramentas tenham ampliado as possibilidades pedagógicas, também evidenciaram desafios relacionados à formação docente e ao acesso dos alunos aos recursos tecnológicos. Ainda assim, conforme Costa, Toro e Vendramel (2021), as tecnologias digitais configuram-se como importantes aliadas no processo educativo contemporâneo.

A atuação da coordenação pedagógica mostrou-se fundamental no acompanhamento das práticas docentes, especialmente por meio do uso de portfólios e planejamento pedagógico. Esse acompanhamento permite identificar dificuldades e propor intervenções que contribuam para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, os resultados da pesquisa evidenciam que a alfabetização deve ser compreendida como um processo dinâmico, que exige práticas pedagógicas flexíveis, mediação qualificada e integração

entre escola, família e tecnologias. A formação de leitores, nesse contexto, depende da construção de experiências significativas de leitura, capazes de promover não apenas a decodificação, mas a compreensão crítica da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa foi possível constatar as diversas possibilidades de estratégias que os professores utilizam para o processo ensino aprendizagem na sala de aula, de acordo com os teóricos. A contribuição do estudo a partir dos objetivos foi dar início a um trabalho que favorecesse melhor a compreensão da realidade escolar por parte de seus usuários. E que traz a necessidade de se compreender a educação num contexto mais amplo, que propicie oportunidades a todos os envolvidos de participarem do processo educativo.

Há muitos obstáculos a serem superados, como, por exemplo, a dificuldade dos professores em promover estratégias de ensino para sanar as dificuldades encontradas no dia a dia. Desafios são encontrados em diversas maneiras, porém, é possível trabalhar e adaptar as necessidades de cada aluno, perante a realidade que é encontrada em sua vida escolar e social.

Com o auxílio e empenho de todos como, professor, aluno e familiares, o desempenho dessa criança pode ser reconsiderado, as mudanças são evidentes e produtivas, diante das atividades, quando são aplicadas. Diante desse quadro, é cada vez mais essencial que o professor esteja sempre presente, auxiliando-a, para que essa aprendizagem seja eficaz e traga bons resultados, para esse futuro leitor, garantindo que ele aprenda a apreciar e a reconhecer a necessidade de aprender a ler, na sociedade atual, utilizando estratégias diversificadas e usando vários gêneros textuais.

As hipóteses foram alcançadas, tendo em vista que pelas teorias levantadas e as análises dos sujeitos, se for trabalhado de forma adqueada com as estratégias

de ensino próprias desse ciclo de idade, os alunos poderão ser alfabetizados na idade certa.

Logo, quando o professor compreende esse contexto, e realizam interferência diretamente no processo de alfabetização, ele acontece. Mesmo em meio as dificuldades casadas pela pandemia da Covid-19, esse processo não tem parado, somente mudado de estratégias.

Pelas análises foi possível perceber que as docentes mesmo nesse momento de desafio de ensinar remotamente, elas têm se preocupado com esse processo, teve uma professora que citou que utiliza o recurso de aplicativo para tomar a leitura de seus alunos. Uma das professoras complementou que até criou o “cantinho da leitura” no aplicativo Google Meet, para que os alunos não parassem com esse processo da aquisição da leitura, tão importantes no processo de alfabetização.

A pesquisa enfrentou algumas limitações, em razão dessa sobrecarga de trabalho, alguns profissionais não dispunham de horários para que fossem realizadas as entrevistas, visto que com a pandemia isso dificultou demais. Apesar de todos os percalços foi possível os sujeitos responderem as questões da coleta de dados, aplicadas através das entrevistas.

Logo, pode-se concluir que o assunto não se encerra nesse estudo, ficando assim um desafio para futuras pesquisas utilizando métodos de alfabetização que possam engrandecer e elevar a qualidade do processo de alfabetização de alunos do 1º ao 3º ano do ensino fundamental, séries que foram objetos desse estudo.

Em suma, compreende-se que é um grande desafio buscar respostas para todas as perguntas, talvez não as encontre, mais a pesquisa é uma forma de buscar mudanças para uma educação de qualidade para todos.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. **Aprendizagem infantil**: uma abordagem da neurociência, economia e

psicologia cognitiva. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2011.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Conceito de leitura**. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. 128p.

ANTUNES, C. **Inteligências múltiplas uma nova vida às salas de aula**. Jornada Curitibana de Educação Infantil e Ensino Fundamental, 5, Curitiba, 1999. Resumos. Curitiba, 2002.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BAPTISTA, Rosana, 1966 – **Leitura e corpo em reverberação**. B229L. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação - Campinas, São Paulo. 2018.

BOZZA, Sandra. **Ensinar a ler e a escrever**: uma possibilidade de inclusão social. Pinhas: Editora Melo, 2008.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão de Educação e Cultura. Relatório Final do Grupo de Trabalho **Alfabetização Infantil**: os novos caminhos. 1 ed. Brasília: [s.n.], 2003. 83 p. (2. ed. Brasília: [s.n.], 2007. 182 p.)

BRASIL. **Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019**. Institui a Política Nacional de Alfabetização. 2019a.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Conselho Nacional de Educação (CNE). **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. [Brasília]: MEC/CNE, [2017]

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Nº 1.460, de 15 de agosto de 2019**. Institui a Conferência Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências. 2019c.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 1.461, de 15 de agosto de 2019**. (Nomeia os pesquisadores para compor o painel de especialistas da Conferência Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências). 2019d.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA**: Política Nacional de Alfabetização. Brasília: MEC, SEALF, 2019b. 54 p.

BRASIL. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**. Planejando a Alfabetização: integrando diferentes áreas do conhecimento: projetos didáticos e sequências didáticas - ano 01, unidade 06. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional, 2012.

CALIL, Rosana. **No olho do furacão: desafios e incertezas dos professores no processo de alfabetização por meio de textos: a experiência do programa “Letra e Vida”** em Piracicaba / Rosana Calil. – Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2008

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. 11. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CERQUEIRA, C. S. T. **Estilos de aprendizagem em universitários**. Tese - Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação, Campinas, fev. 2000.

CETIC (2018). **Pesquisa TIC Domicílios 2018**. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_post/s/425.pdf?1730332266. Acesso em: 26 mai. 2021.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo, Cortez, 2003.

COSCARELLI, Carla Viana; NOVAIS, Ana Elisa. **Leitura**: um processo cada vez mais complexo. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 35 – 42, jul./set. 2010.

COSTA, M. M da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. – Curitiba: Ibpex, 2007.

COSTA. Maria Antonia Ramos; TORO. Priscila Carla Hauco. VENDRAMEL. Fabiana Alves. **A educação em tempos de pandemia**: uma reflexão sobre o ensino remoto. Formiga – MG. editora MultiAtual, 2021. Capítulo nº 1. p. 12 – 17.

DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez, 2ªed, 1993.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Especialistas discutem alfabetização**. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/e-specialistas-discutem-alfabetizacao-1.638240?page=7>. Acesso em: 12 fev. 2021

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2010.

FERREIRO, Emilia & TEBEROSKY, Ana. **Los sistemas de escritura en el desarrollo del niño**. México: Siglo XXI, 1979.

- FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.
- FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. Trad. Maria Zilda da Cunha Lopes. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mario Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. Editora Cortez. São Paulo. 1991.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 46 ed. São Paulo, Cortez, 2006.
- FREIRE, Paulo. **A pedagogia da autonomia**. São Paulo. Paz e Terra, 1999.
- INEP (2017). **Microdados da Prova Brasil** - Questionário dos Professores. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_post/s/425.pdf?1730332266. Acesso em: 26 mai. 2021.
- JORNADA INTERNACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO. **Edição Brasil**. Disponível em: <https://doity.com.br/3jornadainternacionaldealfabetizacao>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas: Editora Papirus. 2012. p. 141.
- KLEIMAN, Angela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In:(Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.
- KOLB, D A. **Experiential learning: experience as the source of learning and development**. Nova Jersey: Prentice Hall, 1984.
- KUCHARSKI, M. V. S. **Porque o bom senso nem sempre acompanha o senso comum**. Livro 1, da disciplina de Fundamentos de Tecnologias Educacionais, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, 2017.
- LEFFA, V. J. **Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social**. In: LEFFA, V. J.; PEREIRA, A. E. (Org). O ensino da leitura e produção textual. Pelotas: Educat, 1999.
- LEFFA, Vilson J. **-Aspectos da leitura**: editora:Sagra: DC Luzzatto, Porto Alegre 1ª ed.1996.
- LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed: 2002.
- LIBÂNEO, José Carlos **Democratização da Escola Pública**. A pedagogia crítico-social dos conteúdos. 19. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2003.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e prática docente. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 104.
- MARCONI, M. De A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.
- MARREIROS, Regina Sodrê Almeida. **Dos métodos de alfabetização às práticas das professoras: percurso a ser desvelado**. 127f. Dissertação – Mestrado em Educação. Universidade Federal de maranhão – UFMA, 2021.
- MINAYO, M. C. S. et al. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.
- MUNHOZ, S. C. D. **Processo de alfabetização**: uma análise das interações família-criança em, a situação estruturada. 2003. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2003.
- MUNICIPIO DE INDIAVAÍ. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Indiava%C3%AD>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- NATIONAL EARLY LITERACY PANEL. **Developing early literacy**: Report of the national early literacy panel. A scientific synthesis of early literacy development and implications for intervention. Washington: National Institute for Literacy, 2009.
- NATIONAL READING PANEL. **Teaching Children to Read**: An Evidence-based Assessment of the Scientific Research Literature on Reading and Its Implications for Reading Instruction. Washington: National Institute of Child Health and Human Development, 2000.
- PLATZER, Maria Betanea. **Crianças leitoras entre práticas de leitura**. P698c. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação - Campinas, São Paulo. 2009.
- POZO, J. I. **Aprendizes e mestre**. A nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ROJO, Roxane H. Rodrigues. **Concepções não-valorizadas de escrita**: a escrita como "um outro modo de falar". In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 65-89.
- ROSA, F.G.M.G. **Os primórdios da inserção do livro no Brasil**. In PORTO, C.M., org. Difusão e cultura científica:

alguns recortes [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. pp.75-92. Disponível em:. Acesso em: 11 out.2018.

SEFFNER, Fernando. **Leitura e escrita na história**. In: NEVES, Iara Conceição (org.). Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1998.

SILVA, Ezequiel T. **Elementos de pedagogia da leitura**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SILVA, Ezequiel Teodoro. **Elementos da pedagogia da leitura**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SNOW, C. E.; BURNS, S. M.; GRIFFIN, P. **Preventing reading difficulties in young children**. Washington: National Academy Press, 1998.

SNOWLING, M. J.; HULME, C. **A ciência da leitura**. Porto Alegre: Penso Editora, 2013.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SPODEK, Bernard; SARACHO, Olívia N. **Ensinando crianças de 3 a 8 anos**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

VIEIRA, L. A. **Formação do leitor**: a família em questão. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR, III, 2004, Belo Horizonte. III Seminário Biblioteca Escolar: espaço de ação pedagógica, Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2004.

ZULIM, Leny Fernandes. **Literatura no ensino fundamental**: da teoria às práticas em sala de aula. Londrina, PR: Amplexo Editora, 2011.